

# Pesquisa em Debate

**O INGRESSO DO GRADUADO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS NO  
MUNDO CORPORATIVO**

**THE INGRESS OF GRADUATED STUDENTS OF BUSINESS  
ADMINISTRATION IN THE CORPORATE WORLD**

**Luiz Fernando Milani**

Mestrando no Programa Interdisciplinar da Universidade São Marcos

**Marcia Cristina Polacchini de Oliveira**

Mestranda no Programa Interdisciplinar da Universidade São Marcos

**Vera Lúcia Godoi da Costa**

Mestranda no Programa Interdisciplinar da Universidade São Marcos

**Resumo**

Partindo do pressuposto que a competitividade dos negócios em um mundo globalizado cada vez toma mais espaço nas discussões de grupos organizados e nos mais diversos ambientes como um tema desafiador e merecedor de atenção, procura-se verificar como o sistema escolar nacional procura dar resposta a esse fenômeno, nas suas 1.637 escolas de nível superior, com o atendimento presumível de milhão e meio de indivíduos-ano. A questão principal liga-se à adequação da formação universitária em Administração com o universo empresarial.

**Palavras-chave:** Cursos de Administração; mercado de trabalho; egressos do ensino superior.

**Abstract**

On the assumption that the competitiveness of business in a globalized world increasingly takes up more space in organized group discussions and arranged in many different environments as a challenging issue and worthy of attention, we try to see how the national school system respond to this phenomenon, in its 1637 Higher Education schools, with the presumable treatment and a half million person-years. The main question turns on the adequacy of university education in Business Administration with the corporate universe.

**Key words:** Business Administration; labor market; graduates of higher education.

## **Introdução**

A competitividade dos negócios em um mundo globalizado cada vez mais toma espaço nas discussões de grupos organizados e nos mais diversos ambientes como um tema desafiador e merecedor de atenção.

A atualidade vive sob a égide do conhecimento, após ter vivido como sociedade agrícola e como sociedade industrial.

O sistema escolar nacional procura dar resposta a esse fenômeno. Assim é que, em 2002, o Brasil possuía 1.637 escolas de nível superior, das quais 1.442 pertenciam ao setor privado, contabilizando um milhão e meio de vagas, oferecidas a pessoas que, depois de formadas, devem pleitear suas vagas no mercado de trabalho. Trata-se de uma questão que se encontra contabilizada razoavelmente, e, como tal, faz surgir uma dúvida também razoável: os graduados em curso superior estão recebendo uma formação adequada às exigências do mercado de trabalho? Dessa questão, decorrem outras: qual o perfil e quais as expectativas dos formados, vistos comparativamente às expectativas empresariais? Afim de contribuir para a elucidação desse problema, este artigo estuda o jovem egresso da educação superior, o seu ingresso nas empresas, e os atuais planos estratégicos que vão ao encontro das necessidades e expectativas gerais.

Para tanto, parte-se de uma reflexão sobre a educação, baseada em Vygotsky. Em pontos específicos, tais como, o jovem perante as mudanças do ambiente competitivo empresarial e suas exigências, os programas de desenvolvimento ofertados pelas universidades e as iniciativas organizacionais, foram utilizadas obras múltiplas, presentes em artigos e demais bibliografia acadêmica, devidamente referenciados.

A importância da educação no desenvolvimento de um país é unanimidade e muito se vem falando sobre reformas na educação, reformas estas que na maior parte das vezes permanecem apenas no campo das discussões, sem o desenvolvimento de práticas efetivas que a beneficiem. Discussões sobre propostas pedagógicas, qualidade de ensino, políticas salariais, dentre outras, têm estado bastante em pauta em nosso país, atingindo, direta ou indiretamente, toda a população.

Inicialmente, é importante salientar a diferença entre ensino, como transmissão do saber, e educação como formação e libertação dos indivíduos<sup>1</sup>; o ensino instrumentaliza, já a educação forma, investe nas relações primordiais. Educar é permitir ao educando, de modo contínuo, que se torne crítico e criativo, auto-suficiente na busca do conhecimento.

A docência, ao longo dos séculos, foi se delineando e se estruturando como profissão, na medida em que ia sendo definido a quem competia a função de educar.<sup>2</sup> Essa atribuição, por volta do século XVI, estava a cargo da Igreja. A educação não era prioridade de Portugal quando aportou em terras brasileiras, durante trezentos anos as únicas iniciativas na educação vieram dos jesuítas, mais voltados para catequese religiosa. Somente no final do século XIX surgiram no Brasil as primeiras instituições culturais e científicas de nível superior.

Em 1810, o príncipe regente assinou a carta de Lei de 4 de dezembro, criando a Academia Real Militar da Corte, que anos mais tarde se converteria na Escola Politécnica. O Decreto de 12/10/1820, organizou a Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, depois convertida em Academia das Artes. O ensino superior se formou com um modelo de institutos isolados e de natureza profissionalizante. Além de elitista, já que atendia aos filhos da aristocracia colonial, que não podiam mais estudar na Europa, devido ao bloqueio de Napoleão. O fato dos cursos que surgiram terem se voltado ao ensino prático e serem ministrados em faculdades isoladas, marcou de forma contundente o ensino superior no Brasil e explica muitos problemas que até hoje marcam o nosso sistema educacional.

Em meados do século XVIII, ocorre um processo gradativo de transformação do docente em funcionário do Estado, caracterizado pelo fato de os poderes administrativos do Estado tomar para si o controle da Educação. E então, vários elementos foram sendo incorporados ao trabalho docente: currículo, técnicas pedagógicas, habilitação; sendo cada vez mais requisitado que o professor se tornasse um especialista. Essa discussão também permeia o debate sobre educação em nosso país, sobre questões educacionais e sobre as relações entre educação e sociedade.

No século XIX, há um crescimento das escolas superiores no Brasil, mas sempre no modelo de unidades desconexas. Em 1912, surgiu a primeira universidade

---

<sup>1</sup> NETO, Ivan Rocha

<sup>2</sup> NÓVOA, Antonio

brasileira, no Estado do Paraná, porém, durou apenas três anos. Somente em 1920, o decreto de nº 14.343, de 7 de setembro, oficializa a Universidade do Rio de Janeiro, que reunia os cursos superiores: a Escola Politécnica, a Faculdade Medicina e a Faculdade de Direito. Este modelo de universidade, onde há uma reunião de cursos isolados que têm como ligação entre si a Reitoria, é a base das universidades brasileiras até hoje. Exceção à regra é a Universidade de São Paulo, que surgiu após a Revolução Constitucionalista em 1932. A USP baseava-se em três vertentes, característica da universidade moderna: ensino, pesquisa e extensão. Nas décadas de 50 e 70, criaram-se universidades federais em todo o Brasil, ao menos uma em cada estado, além das universidades estaduais, municipais e particulares. Desde 1960, a política do governo federal para educação superior tem sido a ampliação de vagas via privatização.

A explosão do ensino superior ocorreu somente nos anos 70. A concentração urbana e a exigência de melhor formação forçaram o aumento do número de vagas e o Governo, impossibilitado de atender esta demanda, permitiu que o Conselho Federal de Educação aprovasse milhares de cursos novos. Esse aumento expressivo, sem o adequado planejamento, resultou em uma insuficiência de fiscalização por parte do poder público, uma queda da qualidade de ensino, que persiste até hoje, ao contrário do que prega a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Superior, de 1968 (Lei nº 5.540/68).

A década de 1990 traz uma nova realidade para a educação brasileira, as reformas educacionais tiveram como eixo principal a educação para todos, em busca de formar os indivíduos para a empregabilidade.

A chegada do Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 10.172/01, assinalou um grande esforço em matéria de planejamento e gestão, mas variáveis e fatores que determinaram, por longos anos, o esquecimento da educação como prioridade da Nação não só continuam presentes, como também deixaram seqüelas de difícil superação. O tema reforma invadiu a agenda de professores, orientadores, diretores, secretários e ministros da Educação nos últimos anos. O trabalho pedagógico foi reestruturado, dando lugar a uma nova organização escolar, e tais transformações, sem as adequações necessárias, parecem implicar processos de precarização do trabalho docente e conseqüentemente, de precarização da própria educação.

Durante quatro séculos, a educação não foi prioridade nem para as autoridades, nem para segmentos significativos da sociedade, realidade que permanece até os dias de hoje, refletindo no jovem que egressa dos ensinos médio e superior, sendo este último objeto maior de nosso trabalho, decepcionado e despreparado para o mercado de trabalho e suas exigências.

### **A educação como agente transformador**

A teoria de Vygotsky, considerada histórico-social, tem como questão central a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio; e como base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem no desenvolvimento. O processo de formação de conceitos vem das relações entre pensamento e linguagem, da questão cultural no processo de construção de significados pelo indivíduo e do papel da escola na transmissão de conhecimento, que é de natureza diferente daqueles aprendidos na vida cotidiana.

O desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização da interação social com materiais fornecidos pela cultura, sendo que o processo se constrói de fora para dentro. O cérebro humano é a base biológica, e suas peculiaridades definem limites e possibilidades para o desenvolvimento humano.

Vygotsky defende que o desenvolvimento humano e do indivíduo está baseado no aprendizado, sempre envolvendo a interferência, direta ou indireta, de outros indivíduos e a reconstrução pessoal da experiência e dos significados. Seu objetivo é trabalhar com a importância do meio cultural e das relações entre indivíduos definindo um percurso de desenvolvimento humano, e não propor uma pedagogia diretiva, autoritária mesmo quando enfatiza o papel da interferência no desenvolvimento. É fundamental para a educação, a idéia de que os processos de aprendizado movimentam os processos de desenvolvimento. A escola tem um papel essencial na promoção do desenvolvimento psicológico dos indivíduos, sendo encarregada de promover o aprendizado das crianças e adolescentes.

A idéia de transformação, tão essencial ao próprio conceito de educação, ocupa lugar de destaque nas colocações de Vygotsky. Segundo ele, métodos de pesquisa

que permitam captar transformações são os métodos mais adequados para a pesquisa educacional, já que a situação escolar é um processo permanentemente em movimento, e a transformação é justamente o resultado desejável desse processo. Assim, seu estudo tem como temas centrais o desenvolvimento humano, o aprendizado e as relações entre desenvolvimento e aprendizado. Aprendizado envolve interação social, e desperta processos de desenvolvimento que, aos poucos, vão tornar-se parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo e a escola tem papel central neste desenvolvimento.

Enquanto sujeito do conhecimento, o homem tem acesso mediado aos objetos, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos que possui, portanto enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações. O sistema simbólico dos grupos humanos é a linguagem, é ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. A cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade, ou seja, o universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real. O pensamento tem origem na motivação, interesse, necessidade, impulso, afeto e emoção.

A interação social é importantíssima para o desenvolvimento. Vygotsky identifica pelo menos dois níveis de desenvolvimento humano: um real, que determina o que o educando já é capaz de fazer por si próprio, e um potencial, ou seja, a capacidade de aprender com outra pessoa. A aprendizagem interage com o desenvolvimento, facilitando a potencialidade para aprender, que não é a mesma para todas as pessoas, onde as interações sociais são centrais, estando então, ambos os processos, aprendizagem e desenvolvimento, inter-relacionados. O sujeito é interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e inter-pessoais. É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se internalizam conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimento e da própria consciência.

Assim, a escola é o lugar onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo de ensino-aprendizagem. O educador tem o papel explícito de interferir no processo, diferentemente de situações onde o educando aprende em um ambiente cultural. Assim, é papel do docente aguçar avanços no educando, que não é tão somente o sujeito da aprendizagem, mas, aquele que aprende junto com o outro o

que seu grupo social produz, tal como: valores, linguagem e o próprio conhecimento. A aprendizagem é fundamental ao desenvolvimento dos processos internos na interação com outras pessoas.

O ensino deve passar do grupo para o indivíduo, influenciando a internalização das atividades cognitivas no indivíduo, de maneira que o aprendiz gere desenvolvimento. Portanto, o desenvolvimento mental só pode realizar-se por intermédio do aprendiz.

Quanto mais rica for a experiência humana tanto maior será o material colocado à disposição da imaginação e, desta forma ampliar a experiência cultural a partir de uma base sólida pode desenvolver a capacidade criadora. Através de ações criativas a existência humana se constitui o processo histórico humano se apresenta.

A identidade única de cada ser humano se constrói. Criar é descobrir a si próprio e ao mundo através da atividade. A criatividade é potencial e manifestação mais representativa da constituição humana, é função psicológica comum à todos, uma necessidade indispensável a auto-realização do ser humano, e tem se tornado uma preocupação vital para muitas pessoas na sociedade do conhecimento.

### **O surgimento da Sociedade do Conhecimento<sup>3</sup>**

Foi através da Revolução Industrial ocorrida no século XVII tendo seu início na Inglaterra e depois na França que o mundo ficou conhecendo uma nova era nas relações capital e trabalho. Impulsionada pelo crescimento da economia a industrialização, homens e máquinas atravessaram mais de dois séculos produzindo bens em todo o mundo sendo estes sinal de vigor e solidez da autonomia entre os diversos países que possuíam uma política voltada ao desenvolvimento interno e no aprimoramento das relações exteriores.

As ferramentas foram substituídas pelas máquinas, invenções no campo da energia como o vapor, que foi transformado em movimento: caldeiras, transportes

---

<sup>3</sup> Ana Arroio é jornalista e doutora em Políticas de Ciência e Tecnologia pela Universidade de Sussex – GB. e Karla Régner é mestre em Sociologia do Trabalho e pós-graduada em Informática aplicada à Educação e são consultoras da Macroplan Prospectiva & Estratégia.



fluviais, locomotivas, a energia humana pela energia motriz e mais tarde no século XIX surgem a energia hidrelétrica e os motores a combustão.

Surge a partir daí o nascimento de indústrias de transformação e de serviços que contribuem para o consumo de inúmeros produtos de massa, o desenvolvimento acelerado e constante dos meios de comunicação, a indústria eletrônica, engenharias, a robótica, automação industrial e informática que nos acompanham até os dias de hoje. E esta sociedade no final do século XIX é chamada de Pós-Industrial.

O grande marco da Sociedade Pós-Industrial, em função da própria evolução do capitalismo baseado no fato de que as pessoas são atraídas para facilidades oferecidas e da especialização de certas atividades, foi a ampliação e do segmento de prestação de serviços, sendo o trabalho intelectual mais valorizado e a criatividade do ser humano passa a ser relevante pois deixa para trás a padronização preconizada pela sociedade industrial e dá lugar a inovação e flexibilidade de funções e atividades.

Na Sociedade do Conhecimento o valor maior está no capital humano.

“Na Sociedade do Conhecimento, as mudanças e as inovações tecnológicas ocorrem em um ritmo tão acelerado que, além dos fatores tradicionais de produção, como capital, terra e trabalho, é fundamental identificar e gerir de forma inteligente o conhecimento das pessoas nas organizações. Esta nova era pressupõe uma imensa oportunidade de disseminar democraticamente as informações, a uma sociedade mais justa”.<sup>4</sup>

O conhecimento então torna-se uma das maiores características apreciadas nos indivíduos, inclusive como forma de diferenciação na qualificação pessoal sendo uma das principais competências requisitadas pelas empresas. Não somente a busca do mesmo mas sim, a atitude de difundir, dividir e partilhar as informações com os demais ao redor, deixando assim de lado um posicionamento individualista e egoísta.

O modelo então das competências profissionais baseadas no conhecimento começa a se tornar significativa no mundo empresarial a partir dos anos oitenta, com a

---

<sup>4</sup> Manoel Flávio Leal escreve para a revista BAYTE da CELEPAR no Estado do Paraná

chegada da Internet transformando o planeta em uma enorme comunidade global. O espaço físico torna-se um fator dispensável para a realização das atividades individuais/grupais nas escolas e nas empresas. A comunicação torna-se interativa e instantânea gerando oportunidades e riscos nas relações e nos negócios.

### **As competências exigidas pelo mercado de trabalho**

[...] Outras competências, como raciocínio lógico-abstrato, habilidades sociocomunicativas, responsabilidade, disposição para correr riscos e espírito de liderança, passaram a ser demandadas. A destreza em outras línguas (como inglês) e linguagens (como informática) estão se tornando pré-requisito para o ingresso e manutenção em um mercado de trabalho estruturado. Disposição para ‘aprender a aprender’ em temporalidade contínua, ao longo da vida, também passou a fazer parte do portfólio mínimo para a empregabilidade [...].<sup>5</sup>

O trabalhador do conhecimento é capaz de:

- Inovar (raciocinar, criar, imaginar);
- Resolver problemas (formular hipóteses e avaliar);
- Tomar decisões (investigar e assumir riscos);
- Liderar pessoas (persuadir e negociar);
- Comunicar idéias (ler, escrever e falar usando imagens);
- Dominar outros idiomas (obrigatório no mínimo inglês);
- Usar o computador (diferentes programas e-mail e internet);
- Desenvolver projetos em times (em colaboração);
- Demonstrar elevada auto-estima (auto-imagem positiva); e
- Ter ética, integridade, honestidade e responsabilidade.

### **Perfil e expectativas do jovem para/e ao entrar na universidade**

---

<sup>5</sup> Id. Ibid. pg2

Ao final do ensino médio, o jovem vive uma crise de identidade em relação ao seu futuro. De acordo com pesquisa publicada no Jornal O Estado de SP de 8 de junho de 2008, ouvindo 800 estudantes de São Paulo, 43% afirmam que esperavam ser preparados para o mercado de trabalho ao ingressarem no ensino médio. Para eles, a escola deveria ter como prioridade oferecer um aprendizado com foco na inserção neste, profissionalizando-os. Porém, na prática, segundo a mesma pesquisa, a escola está servindo para prepará-los para o vestibular em primeiro lugar, com 21% de respostas, ingresso no mercado de trabalho aparece com 17%.

Aqueles que têm condições de ingressar na Universidade vivem a angústia pela escolha do curso, da universidade, dos recursos financeiros para se manter, da freqüência nos cursinhos preparatórios e tantos outros detalhes.

Neste momento vê-se o jovem com o seguinte perfil e expectativas: idade entre 17 e 19 anos; busca de participação ativa na sociedade, com a superação das mudanças biopsicossociais da adolescência (por exemplo, término da puberdade) e a conscientização cada vez maior do seu papel social; vontade de se emancipar com relação à sua família, tomando a frente para aquisição de uma vida própria; início da formação de uma identidade profissional sólida, muitas vezes dando continuidade ao ensino médio, outras partindo do zero. Em ambos os casos, isto diz respeito ao contato mais profundo e ao compromisso com uma determinada área de trabalho.

Apresenta dúvida e pouco conhecimento sobre a carreira a ser seguida, necessitando dedicar tempo para explorar outras opções de graduação e outras alternativas para atuação no mercado de trabalho. Alguns jovens dão importância à história familiar e seguem a carreira dos pais, ou pelo contrário, se distanciam completamente do que os pais representam profissionalmente, não seguem os mesmos passos. Enfrentar a influência externa que gera pressão sobre o jovem e precisa ser debatida nessa fase natural de conflito. O estudante precisa questionar os conselhos, comparar os pontos de vistas, mas colocar sua vontade em primeiro lugar.

Ao decidir entre uma profissão que ele tenha vocação ou uma que proporcione bons ganhos, faz a escolha antecipada por uma profissão em que ainda não se sente seguro. Muitas vezes o jovem é imaturo nas decisões. A escolha errada pelo curso gera frustração e desistência, conseqüentemente o abandono do curso, busca a sua

autonomia nas decisões pessoais e profissionais; almeja sua independência financeira, para uma possível separação plena da família de origem.

Em seu processo de independência intelectual, continua enxergando o trabalho como um meio para se auto desenvolver. Muitas vezes, faltam informações aos jovens e a quem lida com eles para melhor enfrentar os desafios e/ou amenizar o impacto das dificuldades na transição universidade-mercado de trabalho.<sup>6</sup>

Ao lançar-se no mercado de trabalho, precisa conhecer todos os mecanismos da área de atuação, ter um diferencial que chame a atenção do recrutador, saber posicionar-se demonstrando que está no caminho de desenvolvimento das competências necessárias para aquela organização, para aquela vaga que está se candidatando. Deve estar atento a novas tecnologias e a novas linguagens, ter uma cabeça aberta e nunca achar que o aprendizado universitário é o suficiente, procurar por espaços mais criativos e uma vida profissional que não apresente forte dicotomia entre trabalho e família.

### **O que as universidades estão fazendo para aproximar-se das empresas**

Vê-se algumas iniciativas empreendidas objetivando a apresentação tal como ocorre, sem uma avaliação sobre as mesmas.

Sanchis (1997), Gazo-Figuera (1996) entendem que a universidade deve assumir um papel de apoio ao estudante para facilitar a inserção no mercado de trabalho, tendo como política educacional, a criação de uma estrutura de informação sobre a dinâmica do mercado de trabalho que sirva de referência e de fundamentação para as decisões institucionais e os projetos profissionais dos estudantes.

No âmbito da orientação universitária, sugere o desenvolvimento de programas de orientação e de intervenção, durante a fase de transição ao mercado de trabalho, que sigam as seguintes recomendações: (a) aplicação em contextos próximos do aluno; (b) treinamento em habilidades de tomada de decisão e busca de emprego; (c) desmistificação de percepções e de conceitos que reforcem a conduta passiva frente ao mercado de trabalho; (d) construção de programas de desenvolvimento pessoal para

---

<sup>6</sup> Araújo; Sarriera, 2004; Schiessl; Sarriera, 2004

estudantes com problemáticas específicas; (e) integração a uma política de emprego que facilite a atuação em nível microcontextual.<sup>7</sup>

A adoção desses pontos por qualquer universidade poderia garantir ao jovem uma passagem mais amena para a vida adulta, fazendo com que ele conseguisse ultrapassar com maior apoio social os obstáculos referentes ao período de transição universidade-mercado de trabalho.

- Intermediação junto às empresas ou instituições especializadas de estágio curricular, em conformidade com as especificidades de cada curso.
- Divulgando, junto às empresas, suas necessidades de estágios, seus alunos, seus cursos, fazendo um marketing dos mesmos e cuidando da imagem da Universidade perante o mercado.
- Estando atenta aos programas de *trainees* do mercado e auxiliando os seus alunos no processo seletivo.
- Ofertando cursos especializados. Em vez de generalistas, o mercado pede profissionais mais especializados até em searas que vão além das de sua formação. Como por exemplo: advogados para atuar no Mercado Financeiro e de Capitais, engenheiros especializados em Sistemas "Offshore"( engenheiros para atividades de apoio a prospecção, perfuração e produção de petróleo e gás "offshore", com ênfase em operações em águas profundas) e médicos especializados em Cirurgia Robótica e Cirurgia Minimamente Invasiva.
- Organizando e implementando as empresas juniores - uma associação civil sem fins lucrativos constituída e gerida exclusivamente por alunos de graduação de faculdades ou universidades, nas quais ela se insere, presta serviços e desenvolve projetos para empresas, entidades e para a sociedade em geral nas suas áreas de atuação, sempre sob a supervisão de professores.

Além disso, tem como objetivo principal propiciar aos estudantes a oportunidade de aplicar e aprimorar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso. A primeira empresa júnior surgiu na França em 1967, com a iniciativa de empresários juniores da L'Ecole Supérieure des Sciences Economiques et

---

<sup>7</sup> Gazo-Figuera (1996)

Commerciales de Paris. Desde então, esse movimento foi aumentando e se difundiu por vários lugares do mundo.

Quando fundaram a primeira, as instituições de ensino perceberam que a empresa júnior faturava tanto quanto uma empresa normal. Para se ter uma idéia, o faturamento da empresa júnior francesa no primeiro ano de funcionamento foi de US\$ 19 milhões.

No Brasil, essa iniciativa chegou no estado de São Paulo em 1987, pela Câmara de Comércio Franco-Brasileira. Então, surgiam as três primeiras empresas juniores do país: EJ-FGV, Júnior FAAP e Júnior Poli Estudos. A partir disso, outras empresas juniores, em especial da Unicamp e USP, começaram a despontar como centros de excelência nesse assunto.

- Desenvolvendo e implementando as incubadoras, que são entidades que abrigam pequenos negócios até que estes se estabilizem - constituem um dos principais elos entre o meio acadêmico e o setor produtivo. Não apenas por estruturar micro e pequenas empresas, mas também por abrigar grandes oportunidades de negócios.
- Estando atentas aos aspectos exigidos pelo mercado de trabalho em torno do perfil profissional de candidatos com nível superior às vagas nas organizações, tais como a abertura à aprendizagem, a manutenção da empregabilidade por meio da atualização constante (o investimento na qualificação) e o preparo técnico adquirido na graduação (a qualificação) para que seus alunos se insiram com sucesso no mercado de trabalho.
- Integrando, em seus currículos, a teoria e a prática, preparando os seus alunos para a rotina de trabalho.
- Inovando na Pedagogia - Motivação e uma proposta diferente de aprender é a pedagogia aplicada por algumas Universidades, por exemplo, a UFABC (Universidade Federal do ABC). A instituição adotou um bacharelado interdisciplinar em Ciência e Tecnologia que permite aos alunos maior flexibilidade nos estudos, liberdade para decidir quais disciplinas vão cursar e segurança na graduação escolhida.

A pró-reitora de graduação, Itana Stiubiener,<sup>8</sup> explica que todos os graduandos estudam três anos de curso básico, o que corresponde a 40% do período. Após este tempo escolhem como vão administrar os 60% restantes. "O aluno escolhe dentro de um conjunto de disciplinas o que ele vai querer cursar. Se preferir se aprofundar em química, por exemplo, ele tem essa liberdade. Itana alerta que o universitário pode optar em cursar em outra instituição de ensino que seja conveniada com a UFABC. "Desde que haja parceria entre as universidades, ele pode aproveitar a oportunidade de vivenciar a disciplina em outro lugar".

Na opinião de Itana, esse sistema de ensino permite autonomia no aprendizado do aluno e adequação aos novos tempos de educação. "Estamos concentrados na formação conceitual do universitário e na aptidão. O profissional que sai daqui tem como atender o mercado de trabalho e será empreendedor. O sistema de ensino ajuda neste sentido, é inovador", garante ela. A pró-reitora explica que o modelo pedagógico é um diferencial no sistema educacional universitário, porém, é novo e está sendo adaptado. "A instituição é jovem e iniciou com esse conceito, ainda é cedo para expressar em números a revolução do ensino superior, mas os alunos aprovam a nova forma de aprender, sentem-se mais preparados e o mercado interessado".

- Interagindo com as empresas nas atividades de consultoria, serviços de rotina (mensuração, testes e controle de qualidade).
- Realizando projetos de pesquisas e desenvolvimento, de forma a contribuir com a tecnologia das empresas e sua maior competitividade num mercado globalizado.

### **O que as empresas estão fazendo**

Em função da alta competitividade, das novas exigências do mercado, da pressão no mundo dos negócios nacionais e multinacionais, as empresas passaram a investir muito em seus colaboradores, para sua perenidade e estratégia de diferenciação.

Nos últimos anos as empresas brasileiras passaram a promover e a se preocuparem, com um olhar estratégico inclusive, a qualificação e a atualização de seus

---

<sup>8</sup> Folha de São Paulo, 29/04/2008.

profissionais. Para poder atender a esses objetivos as empresas utilizam de parcerias e programas construídos junto a universidades e faculdades ou criam a sua própria universidade corporativa, como é feito pelas grandes indústrias multinacionais instaladas no país.

Vê-se diversos programas de formação, onde o foco é a preparação para assunção de novos desafios, nas diversas áreas da Organização, como Vendas, Marketing, Tecnologia, Operações, Controladoria, etc.

Abertura para recebimento de jovens aprendizes e estagiários, estruturando programas e preparando a empresa, na figura dos gestores, para seu acompanhamento, avaliação e aproveitamento. Estruturando os Programas de Trainees, para jovens recém formados, dando-lhes a oportunidade de vivenciar todas as áreas da Organização, num processo de aprendizagem teórico-prático, com tutoria de um líder experiente que possa ser o estimulador do seu processo de desenvolvimento.

Construção de uma grade curricular variada com ações de treinamento e educação, cuja realização varia de indispensável, desejável e opcional. Dando liberdade para o colaborador escolher e interferir em parte do seu caminho de crescimento na empresa.

Implantação de vários projetos de desenvolvimento, dentre eles avaliação de potencial e de desempenho, fornecendo feedbacks acerca dos pontos fortes e de melhoria de cada colaborador, como forma de melhor orientar o seu esforço de aprendizagem.

Ainda assim, conforme relato da superintendente da educação corporativa de uma grande instituição financeira, as entidades responsáveis pelo ensino no Brasil ainda não dão conta de preparar profissionais na velocidade do crescimento da economia e na evolução tecnológica impostas pela atual situação do mercado, por isso, uma das saídas que a empresa adotou para solucionar essa defasagem foi a realização de cursos de formação na própria empresa.

As empresas buscam adequar seus colaboradores às novas competências que estão sendo exigidas no dia-a-dia em atividades e desafios encontrados, e desenvolvê-los de uma forma completa, ou seja, além da disseminação de conhecimentos e das diferentes abordagens para as necessidades dos negócios da empresa, também são



fortemente difundidas a missão, a visão, os valores da empresa aliada a uma postura intra-empresarial.

Sem dúvida que nessa tarefa o crescimento das tecnologias nos campos da informática e das telecomunicações não se pode esquecer a contribuição positiva que os cursos não presenciais na modalidade a distância (E.A.D.) representam uma facilidade nos ajustes de tempo e disponibilidade.

### **Conclusão**

Na atual complexidade do tecido social, o jovem é, em geral, submetido a pressões constantes em todas as esferas da vida seja familiar, religiosa ou social e principalmente, no campo profissional. Para os integrantes do mundo corporativo a competitividade e a insegurança nas relações de emprego estão muito presentes. O mundo dos negócios não é, definitivamente, um grande parque de diversões. Nunca as empresas buscaram tão intensamente resultados. Nunca a luta pela sobrevivência foi tão feroz. Jamais funcionários dos mais variados escalões carregaram tanta responsabilidade sobre os seus ombros e foram tão expostos a cobranças, tendo que cada vez mais produzir resultados e agregar valores. Nesta atualidade também permeada por mudanças e inovações, o jovem recém formado nem sempre está preparado profissionalmente e psicologicamente para tanto, já que o seu período de formação não foi, em grande parte, ao encontro das suas expectativas e do contexto sócio-econômico, político e cultural da atualidade.

Faz-se mister enfatizar a importância da Universidade repensar o seu papel diante de tantas transformações no universo educacional e empresarial, no sentido de levar em conta questões relevantes enfrentadas pelos jovens no mercado de trabalho atual, que necessitam ser refletidas criticamente durante o seu processo de formação e incluir, como parte de suas atividades acadêmicas, projetos voltados para a formação do sujeito como um todo, aliando a experiência e o aprendizado. É preciso enxergar o ser humano de uma maneira integral e integrada, que pensa, que sente e que age, construindo o seu conhecimento através da interação mediada por várias relações, envolvendo a teoria e a prática em um processo pujante com a experiência passada do indivíduo para o grupo e vice-versa.

A inserção do jovem no mercado de trabalho, considerando suas vivências entre o momento do estágio ou de finalização do curso de graduação e a entrada na vida profissional, a fim de que ele tenha maior suporte institucional, deve também estar na pauta das discussões sobre os objetivos das universidades. É importante aqui deixar o questionamento sobre o fato do preparo para o mercado de trabalho nos moldes cobrado pelos jovens e pela sociedade ser da competência das universidades ou das organizações. Há uma dificuldade de delimitar o papel de formação das universidades com a capacitação e o treinamento que as organizações devem oferecer.

Da mesma forma, se os jovens aprendessem a planejar a sua carreira, antecipando-se às tendências do mercado de trabalho, provavelmente, reduziriam as suas vivências de angústia e incertezas e se tornariam mais pró-ativos, buscando ter uma visão de oportunidades ligadas ao trabalho e não necessariamente ao emprego, o que os tornaria mais empreendedores em seus projetos de carreira. É preciso definir a quem compete ensiná-los a planejar a sua carreira, principalmente quando eles ainda não têm experiência de trabalho formal.

As novas carreiras estarão ligadas à ética e ao meio ambiente, tecnologia medicinal e valores relacionados à universalidade. As novas carreiras estão interligadas. Aponta-se o surgimento de profissões como: cientista sócio ambiental para analisar as questões de preservação do meio ambiente, especialista capaz de fabricar tecidos de pele; técnico para congelar e descongelar células-tronco para realização de experiências, especialista em aquecimento global; 'climatologista' para analisar e prever mudanças climáticas; e de um profissional da moral que trabalhará na interface entre o código de ética e a manipulação do meio ambiente, o direito dos animais e a defesa genética.

Tais profissões já estão muito próximas da realidade atual, há inclusive demanda para algumas delas. Já há especialista em energia alternativa - biomassa, energia de maré, eólica e solar. A própria robótica já está avançada. As futuras profissões serão um desafio, mas, segundo especialistas, haverá demanda para todas.

Para minimizar tanto a evasão, quanto a escolha errada da carreira, a Universidade deveria realizar um acompanhamento vocacional nos primeiros anos do curso para que, desta forma, o estudante tenha mais motivação e preparo para enfrentar o ensino superior. A instituição entenderia os motivos de frustração do aluno e mostraria alternativas no mercado de trabalho que façam relação com o curso escolhido

sem que o aluno precise abandoná-lo. Outra alternativa, seria uma revisão, ou mesmo uma mudança no sistema de escolha da carreira. O primeiro ano de curso poderia não ser definitivo, e sim mais livre. Deste modo, o aluno analisaria se realmente é isso que quer e poderia se remanejar de acordo com a avaliação pessoal sobre a profissão ou se especializar na área, como já ocorreu com algumas Universidades nos anos 70.

Portanto, fica clara a importância de cursos com maior carga horária prática, que valorizem a criatividade e a flexibilidade entre outras habilidades, formando um estudante empreendedor. Alguém que busca conhecimentos e, com ousadia, crie e inove desde os primeiros anos do curso superior. Há que se lembrar, entretanto, que para que isso aconteça é necessário um grande interesse e envolvimento dos docentes, para dar credibilidade e continuidade a esse espírito empreendedor, através de aulas dinâmicas, motivadoras, saindo do modelo tradicional, levando o estudante a aprender a pensar, a trabalhar em equipe, descobrir mais sobre sua potencialidades, além de tantas outras práticas que promovam a criatividade, a identificação de oportunidades e as relações interpessoais.

Os educandos, a sociedade, o mundo corporativo pedem uma escola mais próxima a realidade, com maior flexibilidade e motivação na criação projetos e pesquisas antenados com o futuro.

### **Bibliografia**

- CODO, WANDERLEY (coordenador) *Educação: Carinho e Trabalho*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.
- INSTITUTO DNA BRASIL *O DNA da Educação*, São Paulo, Inst. DNA Brasil, 2006.
- IWASSO, SIMONE *Ensino Distante da Realidade Desmotivada Jovem*, SP, O Estado de São Paulo, 08/06/2008.
- NÓVOA, Antonio. *O professor e sua formação*. Lisboa: Publicações D.Quixote, 1992b.
- RAMOS, COSETE *O Despertar do Gênio – Aprendendo com o Cérebro Inteiro*, Rio de Janeiro, Ed. Qualitymark, 2002.
- VYGOTSKY, L. *Imaginación y Creación en la Edad Infantil*, Cuba, Editorial Pueblo Y Educación, 1999.

- ROCHA NETO, IVAN *Gestão de Organizações de Conhecimento*, Brasília, Ed. FUNADESP,UCB/UNIVERSA, 2004
- STIUBIENER, ITANA *Evasão É Relacionada à Má Qualidade pela Carreira*, SP, Folha de São Paulo, 29/04/2008.
- VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*, SP, Martins Fontes, 1987.
- VYGOTSKY, L. *Pensamento e linguagem*, SP, Martins Fontes, 1988..
- SANCHIS, E. *Da Escola ao Desemprego*. Rio de Janeiro: Agir, 1997.
- SARRIERA, J. C.; VERDIN, R. Os Jovens à Procura do Trabalho: uma Análise Qualitativa. *Revista PSICO*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, pp. 59-70, 1996.
- SCHIESSL, C. S.; SARRIERA, J. C. *A Entrada no Mundo do Trabalho: Preparação e Inserção*. In: Sarriera, J. C.; Rocha, K. B.; Pizzinato, A. (org.). *Desafio do Mundo do Trabalho: Orientação, Inserção e Mudanças*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004, pp.33-72.

### Fontes

<http://www.cefetsp.br/edu/eso/formacaoprofissional.html> acesso em 20/06/08

<http://www.pr.gov.br/batebyte/edicoes/2003/bb135/sociedade.shtml> acesso em 19/06/08

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/> Folha de São Paulo, 29/04/2008.